

A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO DE IPUEIRA: UMA HISTÓRIA A SER CONTADA

THE CONSTRUCTION OF EDUCATION IN IPUEIRA: A STORY TO BE TOLD

Arley Regina Lobo¹
Rômulo César de Morais²

RESUMO

O presente artigo nasce com a premissa descrever a origem da educação em Ipueira, ao longo do tempo, partindo de fontes bibliográficas já existentes, mas enfatizando os relatos orais dos autores que vivenciaram e fizeram parte do contexto histórico educacional, direta ou indiretamente evidenciando nuances não latentes até então. Dessa forma, buscando um maior alcance dos aspectos e heranças que construíram a nossa educação. Inicialmente ensaia, uma delimitação de fatos e acontecimentos que proporcionaram os primeiros passos da educação no município e como esta evoluiu ao longo do tempo, suas características e importância no cenário político social. Ao longo do texto discorreremos sobre a importância e contribuição de todos os envolvidos neste processo, atentando para as peculiaridades que envolvem a época de 1940. Para um educador, esses traços que desenham a educação local, suas marcas arquitetônicas e legados orais, são indispensáveis para a formação profissional.

Palavras-chave: Educação. História. Oralidade. Patrimônio material e imaterial.

ABSTRACT

This article is born with the premise of describing the origin of education in Ipueira, over time, based on existing bibliographic sources, but emphasizing the oral reports of authors who experienced and were part of the historical educational context, directly or indirectly evidencing nuances not latent until then. In this way, seeking a greater reach of the aspects and heritages that built our education. Initially, it rehearses, a delimitation of facts and events that provided the first steps of education in the city and how it evolved over time, its characteristics and importance in the social political scenario. Throughout the text, we discuss the importance and contribution of everyone involved in this process, paying attention to the peculiarities surrounding the 1940s. For an educator, these traits that draw local education, its architectural marks and oral legacies, are indispensable for professional training.

Keywords: Education. Story. Orality. Material and intangible heritage.

¹ Doutoranda em Educação na Ivy Enber Christian University.

² Pedagogo pela Universidade Potiguar - UNP

1. INTRODUÇÃO

A educação brasileira é fruto de um processo incessante de transformações. Assim, ao passo que as transformações ocorrem no cenário educacional, os profissionais, comunidade escolar, pais e alunos, sentem a necessidade de participar ativamente das ações propostas.

O atual contexto educacional requer do professor a capacidade de percepção dos aspectos sociais, políticos, econômicos e educacionais nos quais a escola está inserida. O professor é a ferramenta base do processo de ensino aprendizagem e sobre ele, recaem também os deveres inerentes à profissão acrescidos de responsabilidades que se renovam a cada novo aluno que ele recebe.

De forma semelhante ao que vem acontecendo em diferentes países, nas últimas décadas, as escolas brasileiras têm sido envolvidas – com diferentes perspectivas – em reformas curriculares que pretendem reorganizá-las, propondo conjuntos de saberes a serem ensinados aos alunos. Alternativas consideradas inovadoras são tomadas como referência para a organização de materiais cuja finalidade explícita é, boa parte das vezes, orientar as práticas escolares dentro de determinado sistema de ensino. Assim, essa construção escrita tem como norte a educação no município de Ipueira com recorte inicial da década de 1940, observando os espaços escolares e modos de fazer o do educador. Tal construção conduziu-se tendo como principal referência os relatos orais daqueles que colaboraram com o que hoje conhecemos como sendo um legado cultural e educacional.

2. EDUCAÇÃO BRASILEIRA BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O cenário dos espaços escolares brasileiros têm sofrido grandes alterações desde os fins do século XIX, quando começaram a surgir pequenas escolas com o objetivo de retirar da escuridão do saber as crianças filhas de classes trabalhadoras que eram obrigadas a abandonar seus filhos enquanto trabalhavam.

A escola que tinha sido criada apenas como espaço de ócio para as elites, foi, lentamente, alargando a sua base de aceitação a clientelas sociais diversas que aos poucos foi transformando-a em espaço de massas e de contato entre grupos de diferentes culturas.

A Educação é tema das discussões na contemporaneidade, seja ligada a temas

políticos, filosóficos, sociais e acadêmicos. Tentar compreendê-la requer um pouco de entendimento sobre seus "modelos" concebidos, bem como as idealizações que se tem a partir destes.

Tema que permeia toda sociedade, na modernidade nunca esteve livre do conceito de libertadora da opressão que aflige os povos menos afortunados. Difícil é perceber um discurso político em que a Educação não seja colocada como um dos principais redutores do atraso de várias nações, inclusive o Brasil.

A educação brasileira é fruto de um processo incessante de transformações. Assim, ao passo que as transformações ocorrem no cenário educacional, os profissionais, comunidade escolar, pais e alunos, sentem a necessidade de participar ativamente das ações propostas.

É no embate entre a proposição política e o cotidiano da escola que esta vai constituindo-se e organizando-se. É justamente nessa relação que se faz importante refletir sobre a historicidade da escola e os papéis atribuídos à educação e à escola no Brasil.

A história da educação no Brasil foi sendo construída pautada no entrelaçamento político e social de cada época e, dessa forma, determinando a formação dos indivíduos.

A escola no desempenho de sua função social de formadora de sujeitos históricos constitui um espaço de sociabilidade e de socialização do conhecimento produzido, indispensável na formação e inserção dos indivíduos nas relações sociais.

As condições em que ocorre o processo de ensino e aprendizagem são decorrentes de um conjunto de ações que envolvem todos os segmentos escolares e, diretamente a formação do professor. O ensino faz parte, portanto, de uma cadeia de ações que estão interligadas, tendo como objetivo a efetividade de como este pode ser transmitido. As disciplinas curriculares por sua vez percorrem o mesmo caminho, no entanto, com questões mais aprofundadas em torno da composição teórica e prática das mesmas.

Ao se tratar do ensino formal, Luckesi (1994, p. 79) vem nos dizer que

A educação institucionalizada não é coisa nova. Na comunidade primitiva, a educação era realizada de forma difusa, pela convivência entre crianças e adultos, entre jovens e adultos. À medida que os adultos trabalhavam, as novas gerações aprendiam pela participação prática nas experiências de trabalho. Também, à medida que os adultos, seus rituais sociais e religiosos, as novas gerações iam, espontaneamente, assimilando a vida em sociedade. Dessa maneira, a educação se processava no dia-a-dia da comunidade, de uma maneira assistemática, sem uma intencionalidade explícita. [...]

Nesse sentido, é possível considerar que a família é a primeira educadora dos filhos, sendo nela, cultivados os valores e costumes como o afeto, autoestima, responsabilidade, solidariedade. A família desempenha neste primeiro momento, o papel essencial de orientar e formar seus filhos dentro dos costumes e práticas sociais comuns a todos os membros da comunidade, tendo como princípios básicos o respeito, a solidariedade, a honestidade, entre outros, necessários a formação do adulto.

Ainda, segundo Luckesi (1994, p. 79):

A vida social, pela complexidade que adquirira, já exigia formas de transmissão e assimilação de condutas que a pura espontaneidade de convivência já não satisfazia mais. [...] o segmento da sociedade que foi se constituindo como dominante e que foi constituindo os saberes como segredos, também, aos poucos, instituiu um meio de transmitir esses saberes aos seus descendentes. Foi a institucionalização da educação, que ao longo do tempo ganhou formas diversas e que, na moderna sociedade burguesa, denominamos escola.

A escola em seu princípio nasce como ferramenta de divisão social, cujos conhecimentos são repassados de acordo com o grupo social ao qual o indivíduo pertencia, sendo, pois, um privilégio do segmento dominante. Surge nas civilizações da Mesopotâmia e do Egito e desde o seu início, ela foi um estabelecimento restrito as elites. Mantendo-se desta forma até o século XVIII quando os movimentos sociais ganham força defendendo uma corrente de pensamento que tinha como ideal à escolarização para todos (LUCKESI, 1994).

No mundo antigo a criança recebia aulas de um pedagogo em sua residência. Sendo assim, entrava em contato com a educação em seu sentido mais amplo, voltada para o ensinamento de valores e condutas sociais básicas. Essa mesma criança frequentava a escola para aprender habilidades instrumentais básicas, a saber: ler, escrever e calcular. Portanto, o ensino foi dividido em educação e instrução. Nessa ótica de pensamento, Luckesi (1994, 81-82) afirma:

Os segmentos dominantes das diversas sociedades históricas souberam reconhecer o significado e a importância da educação institucionalizada como instância necessária para a realização de determinados objetivos sociais. [...] As camadas populares descobriram a necessidade de ter acesso ao conhecimento, porém sempre foram alijadas dele; e continuarão alijadas se a sociedade não se modificar em sua base econômica e em sua estrutura social e política. [...] o que importa observar é que a instituição escolar tem importância histórica fundamental para a operacionalização de uma concepção pedagógica que, por sua vez, é tradução de uma concepção

filosófica de mundo.

É durante os séculos XIV e XV que ocorre a expansão das escolas, destinadas as crianças entre sete e quatorze anos. Aos poucos também nas profissões, a escola exerce grande influência: frequentar a escola constitui uma prova de honradez onde o indivíduo consegue através dos ensinamentos escolares ascensão social (PILETTI, 1997).

De acordo com Nunes (2002, P. 16), podemos considerar que:

A educação é e sempre foi um duplo processo. Primeiramente, ela significa a atividade desempenhada pelos adultos para assegurar a vida e o desenvolvimento da geração mais nova, das crianças, dos adolescentes e dos jovens, e para despertar e fazer crescer as suas habilidades e poderes físicos e individuais [...] Em segundo lugar, a educação significa o processo de crescimento pessoal, assumido pelo próprio educando, ao tomar consciência de sua pessoa, de suas aptidões, de metas sociais desejáveis, de um ideal de vida.

O autor considera a educação como um processo cuja motivação parte tanto da família quanto da escola, para o fim social de preparar o indivíduo para atuar em sociedade. Sob tal ótica os pais são considerados os primeiros educadores, vindo, posteriormente, a serem substituídos pela instituição social e agência específica da educação, a escola.

As escolas desse período surgem sob o novo ideal educacional dentro dos ensinamentos cristãos. De acordo com Piletti (1997, p. 52-53):

O cristianismo não se baseia no ideal de imediata felicidade nem no de vida da razão; baseia-se, primordialmente, na ideia de caridade cristã ou amor, que é a expressão mais individual e completa da personalidade humana [...] Com o cristianismo surge um novo tipo histórico de educação, com normas inéditas de vida e comportamento. [...] A igreja Crista primitiva, em sua tarefa de reforma moral do mundo, volta sua atenção para a educação moral.

Estas escolas eram presididas por um eclesiástico, subordinado ao bispado, daí o nome de escolástica dada à doutrina e à prática de ensino. O magistério tem maior vocação, concentração nas regiões mais desenvolvidas. Os mosteiros beneditinos recebem rapazes e moças. Os jovens pensionistas sempre se tornam monges. Os conventos e confrarias também podem manter escolas, assim como hospitais e orfanatos.

A oferta assume várias formas, bem adaptada à demanda dos pais e inserida na continuidade da educação familiar, centrada na aprendizagem dos valores, na socialização e na aquisição de competências precisas. Este tipo de oferta tem seus inconvenientes: a flexibilidade de suas estruturas resulta em um funcionamento aleatório, ou seja, a inexistência de um profissional específico para o exercício da docência deixava uma abertura, onde qualquer indivíduo, desde que reconhecido pelos hábitos morais frente à sociedade, pudesse ministrar e instruir os alunos.

Com o movimento do iluminismo a escola passou a exercer mais a função de instrução do que educação e no decorrer do século XIX e XX, o ensino já passava a ser obrigatório na maioria dos países. Dessa forma, a escola passou a receber mais estudantes, todavia, ela, de um modo geral, não estava preparada para essas transformações.

Para Piletti (1997, 96), a escola desse período marcado por inúmeras e sucessivas revoluções sociais, é obrigada a se modernizar, a dar mais importância aos conteúdos técnicos e científicos, ao lado das antigas matérias clássicas e literárias. Sob este novo olhar o aluno é tomado como centro, de modo que o ensino deve ser voltado para as suas necessidades, compreendendo-se que os conteúdos de ensino devem suprir as carências dos discentes que ora estão inseridos num mundo em constante processo de transformação.

A família passa a ser compreendida como elemento secundário na formação das crianças e a escola começa a desempenhar o papel de quase exclusividade na educação das novas gerações.

No Brasil o processo de construção de um sistema de ensino tem início com os primeiros ensaios de instrução realizados pelos jesuítas, por meio da Companhia de Jesus, que tinham dois objetivos centrais: a pregação da fé católica e o trabalho educativo.

Passado o período de instrução jesuítica, o Brasil vê a chegada da Família Real, cujos objetivos educacionais visavam à “criação de escolas úteis aos fins do Estado” (PILETTI 1997, p. 146), fato que asseguraria o controle sobre os membros da colônia. Entre a educação traçada nos moldes imperialistas e os objetivos traçados na Primeira República, poucas foram às mudanças sofridas, salvo o questionamento acerca do ensino elitista pregado pelo império.

As discussões em torno de um novo ideal educacional originaram movimentos

voltados às discussões sobre o cenário educativo do país, no que diz respeito ao direito, aos princípios, à oferta e à gratuidade do ensino. Piletti (1997, p. 161) em sua narrativa evidencia que

Foi durante o período republicano, principalmente de 1930 em diante, que se construiu o sistema educativo brasileiro, elaborado a partir de alguns princípios básicos, discutidos no decorrer da Primeira República e inscritos nas Constituições, de modo especial a partir da de 1934, embora muitas vezes desrespeitados na prática. Esses princípios são os seguintes: gratuidade e obrigatoriedade do ensino de 1º. Grau, direito à educação, liberdade de ensino, obrigação do Estado e da Família, no tocante à educação e ensino religioso de caráter “interconfessional”.

Nesse mesmo período a escolarização doméstica ainda atendia a um número elevado de pessoas, ultrapassando mesmo a rede de escolas públicas, fossem elas imperiais ou republicanas. Essa rede doméstica tinha variações, podendo incluir professores particulares como ações isoladas do poder público.

A escola que sempre foi uma instituição elitista não poderia transformar-se rapidamente e sem a devida preparação numa escola democrática. Por conseguinte, a escola foi marcada pela evasão escolar, dificuldades de aprendizagem e outros problemas relacionados à expansão do ensino. No decurso do seu processo histórico a escola passou a acumular várias funções sociais. Além de transmitir conhecimento, atribui a ela à responsabilidade de socialização e de submeter os indivíduos a ritos de passagem, como por exemplo, o vestibular.

Com o advento do sistema neoliberal as mulheres passaram a entrar de forma crescente no mercado de trabalho. Em função disso, o papel de cuidar das crianças passou a ser outra função social da escola.

Assim para compreender o cenário social no qual a escola está inserida é necessário entender a organização social em seus aspectos político, social, econômico e educacional, visto que esses são complexos e contraditórios. Libânio (1994, p. 9) afirma que:

Em todas as reformas educativas, a partir da década de 80, a questão da qualidade aparece como tema central. Na realidade, a educação busca um novo paradigma, que estabelece o problema da qualidade. Mas, não pode ser tratada nos parâmetros de qualidade economicista. A escola não é uma empresa. O aluno não é cliente da escola, mas parte dela.

Tomando como base o pensamento de Libânio é possível perceber que as ações governamentais buscam tornar a escola um espaço perpassado pelos moldes traçados pela globalização. Ainda segundo Libânio, a função primordial da escola é preparar o

indivíduo para a cidadania, para a formação humana. O mesmo considera que a instituição educacional não pode ignorar o contexto político e econômico, porém, não pode estar subordinada ao modelo econômico e a serviço dele.

Para os anos demarcados entre 1940 a 1980, a escola era voltada para a concepção tradicional de ensino onde a professora repassava os conhecimentos para o aluno como sendo verdades prontas, acabadas, inquestionáveis. Um período onde em conjunto com os demais colegas de turma éramos submetidos à possível ação da régua de madeira e da palmatória; sob tal ameaça era impossível levantar qualquer hipótese contrária ao assunto que estava sendo “bancariamente” repassado. Tal modo que os conteúdos eram transmitidos de forma fragmentada, como citado anteriormente, desvinculados das experiências de vida do aluno e da sua realidade social.

Nesse período o sistema nacional de ensino orientado pela Lei de Diretrizes e Base da Educação nº. 5.692/71 tinha como principal mudança à unificação do ensino primário com o primeiro ciclo do ensino médio – constituindo o primeiro grau – o que significou o prolongamento da escola única, comum e contínua de oito séries, adiando-se a diversificação dos estudos para o segundo grau. Para HAIDAR e TANURI (2002, p. 37), tal medida vinha ao encontro da ampliação da escolaridade obrigatória determinada pela Constituição de 1967 e de tendência universal, já evidente no panorama educacional brasileiro anterior à Lei nº. 5.692/71, em suma, consistia em agrupar os cursos do primário e ginásial, um bloco de oito séries, sendo denominado de primeiro grau para atender as crianças e jovens de 07 a 14 anos. Tornando obrigatório de 04 para 08 anos e transformou o 2º grau em curso profissionalizante

O recorte temporal de 1940 a 1980 coincide com o surgimento da educação institucionalizada no município de Ipueira – RN, em linhas gerais, é nesse período que será moldado os primeiros traços educacionais da comunidade.

3. PRIMÓRDIOS EDUCACIONAIS DO MUNICÍPIO DE IPUEIRA – RN

Fundada em 05 de agosto de 1945, a cidade de Ipueira – RN encontra-se localizada na região Seridó Ocidental, do estado do Rio Grande do Norte.

A questão sobre educação local vem sendo pauta de discussão desde o princípio da fundação do município. Relatos orais, dos antigos moradores, indicaram essa preocupação que se estendia desde os pais, com uma melhor condição financeira que

contratava professores para os primeiros administradores que na década de 1940 tiveram a iniciativa de construir as primeiras escolas na localidade. (Naide Lopes em Ipueira 70 anos de tradição e desenvolvimento).

A história da educação em Ipueira tem início no ano seguinte a sua fundação com a criação da primeira escola da cidade, que funcionava na casa do Sr. Joca Gomes localizada na Rua Sebastião Celino, hoje pertence a Edson de Chico Maturi.

Esta escola foi “fundada em 30 de Janeiro de 1940 pelo decreto nº 819 pelo então interventor do Estado Sr. Dr. Rafael Fernandes, na gestão de Descartes Mariz de Medeiros, prefeito de Serra Negra do Norte cidade a qual o povoado de Ipueira pertencia” (NÓBREGA, 1995). Sob o nome de Escola Estadual Isolada de Ipueira, onde era ministrado o ensino primário de 1ª à 3ª série onde teve como única professora a Sr.^a Ana Medeiros (sobrinha de Chico Quinino). No decorrer do mesmo ano a referida escola muda de sede passando a funcionar em uma residência particular situada na Rua João Manuel, hoje residência de Francisca Antônia de Azevedo (Nem de Chico Neco), onde funcionou até meados de 1948, tendo como professores Joana Étina de Medeiros (filha de Augusto Lolô), Marta de Nimô e Chico Nicandro e também Guigui e Tenila irmãs de Marta de Nimô como professoras interinas. Em 1945 temos como primeira professora nomeada pelo governo do estado a Sr.^a Florípes Medeiros (Dona Lipa).

Em 1948 no Governo Federal de Eurico Gaspar Dutra tem-se a construção da sede urbana das Escolas Isoladas, localizadas na zona rural, o Grupo Velho (como é conhecido pela população local). Constituindo-se como a primeira escola com sede própria no município, inaugurado em 29/10/1948 tendo como primeira diretora a Sr.^a Florípes Medeiros (dona Lipa) que também desempenhava as funções de merendeira, servente e professora, paralelamente vieram outras professoras como: Elizabeth Souza que era professora de 4ª série, dona Estela, Augusta mulher de José de Benjamim, Isaura Caboclo, Maria Queirós, Marli de Zé Leôncio Zélia e Norma de Joca Gomes, Francisquinha de Balinha, Joana de Lipa, Dona Zeneide, Dona Socorro, Rita de Cássia, Maria Salete (dona Lilia) e Maria José (Zuza). Vale ressaltar que ainda na década de 60, dona Cacilda assume a direção do grupo velho sendo sucedida por Maria José de Medeiros (dona Neném) e em 1975 Dona Bibi assume a direção da escola estadual de Ipueira (grupo velho), sendo nomeada no ano seguinte.

Ainda nos anos 70 emergi no Brasil as escolas rurais e Ipueira ao refletir a Lei nº 5.692/71, dá início a construção das escolas rurais.

Foram esses núcleos educacionais, vistas como ações de estratégia para expansão do ensino municipal, que asseguraram, naquela época, a escolarização dos agricultores e de seus filhos, que habitavam o espaço rural do município de Ipueira (MORAIS, 2006, p. 34).

Existiam várias escolas rurais no município de Ipueira, que funcionaram em casas e/ou espaços cedidos por fazendeiros, e com o passar dos anos ganharam sedes próprias, foram elas:

- Sítio Boa Vista- Em meados da década de 60 a casa grande de Chico Luís foi onde funcionou uma das primeiras escolas da Boa Vista, tendo com professora Josefa Luísa da Silva (Zefinha), algum tempo depois a escola passa a funcionar na casa de moleque e teve como professora Edite de Moleque (fonte Alda de Chico Luís). Na gestão do prefeito Ivan Gorgônio surge o prédio da então Escola Municipal Antônio Paulino da Silva.
- Sítio Curral Queimado- Escola Municipal Aníbal da Cunha Macêdo construída na administração do prefeito Sandoval Alencar (Dová), teve como professora a Sr.^a Maria José de Medeiros (dona Neném).
- Sítio Jardim- A escola funcionava na casa do Sr. Ubaldo tendo como primeiras professoras Maria José de Ubaldo e Terezinha Paiva, logo após a escola passa a funcionar na casa de farinha na propriedade de seu Itaci e teve como professora Lourdes de moleque (fonte Aparecida Paiva). Em 1974 o prefeito Dová inaugurou a Escola Municipal Joaquim Firmino Lopes Paiva onde teve como primeira professora a Sr.^a Lourdes de Moleque. (fonte Dione Brito).
- Sítio Pedra e Cal- A primeira escola foi na casa de João Isidro de Moraes funcionando apenas à noite sobre luz de lampião, tendo como primeira professora Luzia Dasdores de Moraes tia de João Isidro de Moraes, depois a escola passou a funcionar na casa de cipó que pertencia a seu Braga tendo como professora Maria de Agrício e em seguida Lourdes de seu Maurício em seguida a escola muda novamente de endereço para a casa de seu Hamito tendo como professora Lourdes de seu Maurício, algum tempo depois o prefeito Anifrâncio constrói a Escola Municipal Antônio Basílio de Brito, tendo como professora Lourdes de Maurício.

- Sítio Jataí- A escola funcionava na casa do Srº Cipriano tendo como primeira professora Maria de Cipriano (Maria do Jataí), escola mudou de endereço, escola passou um longo tempo sem funcionar ao retornar teve como segunda professora Maria Azevedo (Socorro de Breno década de 80). Na administração do prefeito Edgar Horácio foi construída a Escola Municipal Basílio Gorgônio.
- Sítio Carnaúbas- A escola teve como primeiros professores Dinalva de Deodoro, José Pereira (Carnaúba de Baixo), Bezinha Chá (foi professora na casa de seu pai de 1949 a 1950). Na década de 80 o prefeito Anifrâncio Macêdo a Escola Municipal José Horácio de Medeiros que teve como primeira professora a Sr.ª Nazareth (Leta de seu Maurício).
- Sítio Boa Esperança- O ensino na Boa Esperança teve como primeira sede a casa de Sebastião Brito, onde teve como primeiras professoras as Senhoras Mariquinha de Otenísio Cavalcante (casa de Jonas Alencar), Maria Natália e Eunice de Manoel Gomes, posteriormente vieram Adélia Brito e Maria Alice Brito como professoras que eram filhas do proprietário (Sebastião Brito), tendo essas duas ultimas ensinados na casa do seu pai Sebastião Brito, não esquecendo também da professora Eunice de Manoel Grande (fonte Adélia Brito). Na administração do prefeito Ivan Gorgônio foi construído a Escola Municipal José Conegundes de Brito.
- Sítio Grossos- Escola Lucas Antônio de Brito (fonte Naide Lopes/ 2006) funcionou na casa de Luíza que foi casada como o irmão de João Assis que também era professora, segundo Lourdes de Seu Maurício a Escola funcionou até 1972 onde depois funcionou o Mobral.
- Sítio Louros- A escola do sítio Louros funcionou em caráter particular na casa do Sr. João Poroca no período de 1950 a 1954 e teve como professora a Sr.ª Esmerina de Manoel Cipriano (fonte Edgar Horácio).

Em 1976 o então prefeito Sandoval Alencar (Dová), inaugura a Escola Municipal Francisco Quinino (Grupo Velho), situada na Rua José Evangelista, que servira na época para receber parte dos alunos do grupo velho e demais alunos do município. Segundo Moraes, 2006, o grupo velho atendeu turmas multiseriadas até o ano de 1979. Em 1981 deu-se início a implantação gradativa do ginásio – 5ª a 8ª séries.

Em 1986 o prefeito Anifrâncio Macêdo inaugura a Escola Estadual de 1º grau

João Alencar de Medeiros que passa a funcionar neste mesmo ano atendendo as turmas do grupo velho e grupo novo.

CONCLUSÃO

A escrita deste artigo trouxe uma grata manifestação de interesse elo tem quando da sua elaboração. Estamos sempre falando da educação em nossa contemporaneidade, mas, é imprescindível analisar os caminhos que nos trouxe até o presente momento.

Os entrevistados em sua maioria são idosos e compõem o seletor grupo de pessoas que construíram as bases históricas da cidade de Ipueira em seus aspectos mais peculiares da cultura, esporte, educação, modos de vida. Os relatos orais constituem verdadeiras raridades e contem em si a vivência de um povo que hoje se destaca em nível estadual pela excelência dos dados das avaliações educacionais externas promovidas pelo governo federal.

Concluimos esse trabalho com o intuito e esperança de termos descortinando e elencando fatos novos e ampliando o conhecimento da educação de Ipueira, num recorte de tempo entre a década de 1940 a 1980. Onde podemos explorar e apurar em maior riqueza de detalhes e personagens, a origem da educação do município de Ipueira - RN, através da oralidade dos seus atores legítimos e/ou contemporâneos que viveram direta ou indiretamente no mesmo contexto histórico que o texto nos remete. Asseverando para os que percorrem com os olhos o que aqui está escrito, a veracidade mais próxima dos fatos. Desta forma acreditamos que cumprimos parte da missão proposta pela qual fomos incumbidos como discentes pesquisadores e/ou cidadãos dessa Terra, que na escassez de conteúdos bibliográficos, encontramos o combustível que nos moveu a chegar mais longe.

REFERENCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. V. I. Brasília: MEC/SEF, 1997.

LIBÂNIO, José Carlos. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo. Editora Cortez. 2ª ed. 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. A escola que queremos: instância onde a Pedagogia se faz prática docente. In: **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.



MENESES João Gualberto De Carvalho. **Educação Básica: Políticas, Legislação e Gestão – Leituras.** Editora: PIONEIRA. 1ª Edição. São Paulo. 2004

MORAIS, Naide Lopes de, **Faces Ipueirenses 2006** – O marco da primavera nos traçados de Ipueira.

NÓBREGA, M de M. **Ipueira de ontem e de agora (60 anos)** – Vamos entrar nessa História – Natal: Carrapicho's Edições, 1995.

PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudiano. **História da Educação.** 6ª Ed. Editora Ática. São Paulo – SP, 1997.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar.** 15ª Ed. rev. e. ampl. – Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998.